

CLÁSSICOS CRISTÃOS

John Stott

**NOSSO  
SILÊNCIO  
CULPADO**

**A IGREJA,  
O EVANGELHO  
E O MUNDO**





John Stott

Nosso silêncio culpado

*A Igreja, o Evangelho e o Mundo*





# John Stott

## Nosso silêncio culpado

*A Igreja, o Evangelho e o Mundo*

Tradução:  
**Josiane Zanon Moreschi**

1ª edição

Curitiba/PR  
2014



*Our Guilty Silence*

© John Stott 1997

All rights reserved. This translation of *Our Guilty Silence* first published in 1997 is published by arrangement with Inter-Varsity Press, Nottingham, United Kingdom.

John Stott

Nosso silêncio culpado  
*A Igreja, o Evangelho e o Mundo*

*Coordenação editorial:* Walter Feckingham

*Tradução:* Josiane Zanon Moreschi

*Revisão:* Sandro Bier

*Capa e editoração eletrônica:* Sandro Bier

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stott, John

Nosso silêncio culpado : a Igreja, o Evangelho e o mundo / John Stott. - - Curitiba : Editora Esperança, 2014.

Título original: Our guilty silence: the Church, the Gospel and the world.

Bibliografia  
ISBN 978-85-7839-095-2

1. Trabalho evangelístico I. Título.  
14-04239

CDD-269.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Evangelização : Cristianismo 269.2

As citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional, Editora Vida (2000), salvo quando identificada outra versão na referência.

**Todos os direitos reservados.**

**É proibida a reprodução total e parcial sem permissão escrita dos editores.**

Editora Evangélica Esperança

Rua Aviador Vicente Wolski, 353 - CEP 82510-420 - Curitiba - PR

Fone: (41) 3022-3390 - Fax: (41) 3256-3662

comercial@esperanca-editora.com.br - www.editoraesperanca.com.br



editores  cristãos

# Sumário

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| Introdução.....               | 7   |
| Prefácio do autor.....        | 9   |
| Capítulo.....                 | 19  |
| A glória de Deus.....         | 19  |
| Capítulo 2.....               | 39  |
| O Evangelho de Deus.....      | 39  |
| Capítulo 3.....               | 71  |
| A Igreja de Deus.....         | 71  |
| Capítulo 4.....               | 119 |
| O Espírito de Deus.....       | 119 |
| Bibliografia selecionada..... | 153 |
| Apêndice 1.....               | 155 |
| Apêndice 2.....               | 157 |
| Apêndice 3.....               | 158 |



# Introdução

Em uma época em que a missão evangelística da Igreja nunca foi mais urgente, parece que seu empreendimento evangelístico nunca foi mais deficiente ou ineficaz. Quase se pode dizer que a Igreja contemporânea está mais bem equipada para qualquer outra tarefa do que para a sua responsabilidade principal de tornar conhecido o Evangelho de Cristo e ganhar vidas para ele. É certamente verdade que a Igreja, como um todo, demonstra mais iniciativas em outras áreas (por exemplo, no debate teológico, reforma litúrgica e serviço social) do que na esfera do evangelismo. Na verdade, a palavra “evangelismo” quase deixou de ser usada, exceto de forma depreciada. Em certos locais a coisa toda é encarada com ceticismo e suspeita mal disfarçados. Alguns admitem abertamente, e até mesmo se vangloriam de que não sabem o que é o Evangelho. Outros questionam a necessidade de conversão ou negam que é trabalho da Igreja converter qualquer pessoa. Outros ainda substituem debilmente alguma forma de humanitarismo por testemunho cristão positivo e agressivo.

Diante de tanta confusão, hesitação e fraqueza, o presente livro oferece um desafio vigoroso para a Igreja recuperar sua visão evangelística e embarcar novamente em sua missão evangelística. E essa necessidade deve envolver proclamação, testemunho e compartilhar as Boas Novas. O autor está convencido de que a Igreja, quando é fiel à sua vocação, não pode ser uma Igreja silenciosa. Como ele diz: “Se o Evangelho é a Boa Nova que afirma ser, e se foi confiado a nós, incorremos em culpa se não o passarmos adiante”. Daí o título da obra.

Um dos valores do livro é que ele vem da caneta de quem tem consistentemente colocado o evangelismo à frente de seu trabalho ao longo de seu ministério ordenado. Ele também teve uma experiência excepcionalmente ampla nesse campo, tanto no evangelismo paroquial, dentro da esfera de sua própria congregação no All Souls, Langham Place, em Londres, quanto no evangelismo estudantil através de missões universitárias em várias partes do mundo. Além de seu próprio ministério e experiência, ele fala em tom de urgência para a Igreja de hoje e tenta lembrá-la do que é ao mesmo tempo o mais difícil, o mais importante, e a mais gloriosa de todas as iniciativas.

Philip E. Hughes  
Frank Colquhoun  
Editores

## Prefácio do autor

Duas tentativas importantes foram feitas pela Igreja da Inglaterra neste século para despertar de seu torpor habitual em atividade evangelística. Ambas foram, em grande parte, uma resposta ao desafio da guerra. Ambas provaram ser amplamente abortivas.

A primeira foi feita em plena Primeira Guerra Mundial. Muitos ingleses estavam profundamente perturbados pelos horrores do conflito internacional, por um lado, e pela aparente irrelevância e impotência da Igreja por outro. Um grupo de leigos procurou o arcebispo Randall Davidson, em Lambeth, com um apelo para que algo fosse feito em escala nacional. Ele hesitou. Mas, finalmente, surgiu um plano ao qual foi dado o pomposo nome de “A Missão Nacional de Arrependimento e Esperança”, que foi lançado no outono de 1916. Grandes quantidades de cartazes e panfletos foram distribuídas. Inúmeros cultos foram realizados e sermões pregados, nas igrejas e ao ar livre. Mas o impacto sobre a comunidade sem igreja foi mínimo. Como William Temple, um dos cinco secretários da Missão, havia escrito a seu irmão antes de começar: “Há aqueles que simplesmente

querem tocar a trombeta eclesiástica e esperar que as muralhas de Jericó caiam por causa disso. Mas imagino que Jericó, na forma do mundanismo e do mercantilismo, esteja fundada com muito mais segurança para isso hoje”.<sup>1</sup> Suas palavras se provaram verdadeiras no evento.

Em 1917 os arcebispos formaram um “Comitê de Inquérito sobre o Trabalho Evangelístico da Igreja”, que foi apresentado no ano seguinte. Ele produziu uma definição razoável de evangelismo, enfatizou sua importância, analisou os resultados da Missão Nacional e, em seguida, recomendou “o estabelecimento de um conselho de evangelismo em todas as dioceses”. Qualquer que tenha sido o impulso evangelístico, este definhou nas propostas organizacionais.

Precisou da Segunda Guerra Mundial para sacudir a Igreja da Inglaterra à preocupação evangelística novamente. No dia 23 de junho de 1943, com uma fé ousada, logo após a vitória sobre as Forças do Eixo no norte da África e sobre os submarinos alemães no Atlântico Norte, mas ainda dezessete dias antes da invasão da Europa por Hitler, começando na Sicília, e quase um ano antes do Dia D, a Assembleia da Igreja apresentou a seguinte resolução: “Que a Assembleia, reconhecendo a necessidade urgente de uma ação definitiva, solicita aos Arcebispos que nomeiem uma Comissão [...] para examinar todo o problema do evangelismo moderno

---

1 F. A. Iremonger: *William Temple, Archbishop of Canterbury* (Oxford, 1948), p. 208.

com referência especial às necessidades espirituais e ao panorama intelectual predominante dos membros não adoradores da comunidade, e para informar sobre a organização e os métodos pelos quais essas necessidades podem ser atendidas de forma mais eficaz”.

William Temple, agora arcebispo de Canterbury e sempre um evangelista de coração, respondeu prontamente. No Natal, uma Comissão impressionante de cinquenta membros tinha sido nomeada. O bispo Christopher Chavasse, de Rochester, era o presidente. Havia outros quatro bispos, vinte e quatro outros clérigos (vários dos quais posteriormente tornaram-se bispos) e vinte e um homens e mulheres leigos.

Temple fez o discurso de abertura no culto da Comissão. Ele ressaltou que o Evangelho é inalterável, embora sua configuração e apresentação mudem, e que o primeiro pré-requisito para o evangelismo era uma renovação da própria vida da Igreja. Ele morreu antes que o trabalho da Comissão fosse concluído. Seu relatório, que é dedicado à sua memória, reflete sua influência por toda parte.

Não se pode deixar de admirar a perseverança com que seus membros prosseguiram com sua tarefa em meio aos perigos da guerra. O prefácio conta como os membros do comitê de Londres se encontraram “sob a ameaça de bombardeio aéreo” e como uma vez “um membro foi chamado por telefone para as ruínas de sua casa”.

A Comissão declarou “um sentido inequívoco de estar unida e guiada pelo Espírito Santo”. Seu objetivo declarado era “estimular o evangelismo”, e seu relatório de 172 páginas tenta avaliar a situação contemporânea, explicar o Evangelho, defender o “apostolado de toda a Igreja” e descrever as várias formas e meios, tanto de evangelismo quanto de pré-evangelismo.

O relatório certamente não está acima de qualquer crítica. O dr. J. H. Oldham em *The Christian News-Letter* (nº 245) e o dr. W. R. Matthews, reitor da Saint Paul, acharam sua análise superficial e seu tom injustificadamente otimista. No entanto, ele recebeu boas-vindas entusiasmadas. A *International Review of Missions* disse que tinha “sem sombra de dúvida, produzido uma sensação de nova esperança na Igreja da Inglaterra”. O *The Christian* expressou a opinião de que “pode muito bem revelar-se um documento que marcará época” e dedicou cinco artigos semanais para sua divulgação. Até o cauteloso *Times* comentou que “seu valor, como um todo, foi além de qualquer dúvida”.

Além disso, entre a sua publicação em 19 de junho de 1945, e sua apresentação à Assembleia em 14 de novembro, Hiroshima e Nagasaki haviam sido destruídas por bombas atômicas, o governo imperial do Japão havia se rendido incondicionalmente e a guerra de seis anos tinha terminado. Em casa, Winston Churchill tinha sido afastado e um triunfante governo trabalhista sob o comando de Clement Attlee estava no poder. Todos

estavam falando sobre a reconstrução pós-guerra. E este também era o ânimo da Igreja. Embora muitos de seus edifícios tivessem sido destruídos e muitos de seus membros, mortos ou dispersos, ela estava agora olhando para o futuro com confiança.

Então, quando Assembleia da Igreja se reuniu para analisar o relatório, houve uma atmosfera de alegre expectativa. A curiosidade pública tinha sido despertada pela ousadia e franqueza do título do relatório, *Towards the Conversion of England* [Rumo à conversão da Inglaterra], que expressa a opinião da Comissão de que “a grande maioria dos ingleses precisa ser convertida ao cristianismo”, e que “um grande número de pessoas da igreja também precisam ser convertidas”.<sup>2</sup> Os membros da Igreja tiveram cinco meses para estudar o relatório. Três edições já haviam sido esgotadas. E, quando o bispo de Rochester, ao apresentar o relatório, afirmou que era “o mais importante documento que a Assembleia já tinha sido chamada a debater”, e que seria um desastre se fosse arquivado, ninguém estava inclinado a discordar dele.

No entanto, pode-se dizer que esse desastre foi evitado? A Assembleia passou o dia inteiro debatendo o relatório. Foi, então, recebido por unanimidade, recomendado a todos os conselhos de igrejas paroquiais para estudo e ação e relegado a um desejado conselho para evangelismo, na esperança de que eles possam implementá-lo.

---

2 P. 37

É claro que é notoriamente difícil estimar o impacto de qualquer relatório oficial. Podemos ser gratos por algumas das recomendações feitas, direta ou indiretamente, pela Comissão terem sido concretizadas, incluindo a melhoria do *Church Information Office*, um novo (embora, de certa forma, insatisfatório) catecismo da Igreja e do Colégio dos Pregadores, mais convenções do clero e alguns periódicos ilustrados da igreja.

No entanto, o que aconteceu com o chamado urgente do relatório para que toda a Igreja, o clero e os leigos juntos, se mobilizassem para o evangelismo? Houve alguma resposta. Havia a ambiciosa Missão para Londres, em 1949. E houve outras iniciativas evangelísticas. Mas, em geral, temo que esse assunto tenha encontrado seu caminho para a mesa que o bispo Chavasse temia poder se tornar seu túmulo. Parece que não fomos muito adiante “rumo à conversão da Inglaterra”, pelo contrário.

Ao descrever a parte dos leigos na evangelização, o relatório menciona a discricção como um dos obstáculos, “a timidez em falar sobre as coisas de Deus”. “Não podemos exagerar a importância de quebrar essa tradicional reserva inglesa, que produz uma Igreja de ‘santos silenciosos’. Como o prebendário Wilson Carlile (que cunhou esta frase) declarou: ‘Tenho o maior trabalho que já assumi na minha vida. Estou tentando abrir a boca das pessoas nos bancos da igreja’.”<sup>3</sup>

---

3 Pp. 51-53

O tema deste livro é que esse silêncio é um *silêncio culpado*. Claro que há “um tempo de calar”, mas também há “um tempo de falar”.<sup>4</sup> Se o Evangelho são as “Boas Novas” que afirma ser, e se foi confiado a nós, incorremos em culpa se não o transmitirmos. Como aqueles leprosos samaritanos que descobriram que o acampamento do exército sírio estava abandonado, precisamos reconhecer nossa culpa e dizer: *Não estamos agindo certo. Este é um dia de boas notícias, e não podemos ficar calados.*<sup>5</sup>

Não que essa culpa seja, de alguma forma, confinada aos leigos. Muitos de nós do clero também temos a língua presa. Deixe-me dar um exemplo pessoal atualizado. Para escrever estas páginas eu fui a um canto remoto de Pembrokeshire, no sul do País de Gales. Viajei de trem e descobri que estava dividindo a cabine com um jovem administrador de terras. Ele estava ocupando o beliche superior. Pela manhã, enquanto se preparava para se lavar, ele derrubou acidentalmente o conteúdo de sua bolsa de mão no chão e descarregou sua irritação, usando o nome de Cristo em vão. Eu não disse nada. Na verdade, estava muito tentado a ficar em silêncio. A desculpa habitual mais plausível passou pela minha cabeça – “não é da minha conta”, “você não é responsável por ele”, “ele só vai rir de você”. Mas na noite anterior eu havia pregado na igreja o texto de Efésios 4.26s: *Quando vocês ficarem irados, não pequem.*

---

4 Ec 3.7

5 2Rs 7.9

Tinha falado sobre indignação justificada e a fachada da doce razoabilidade que muitas vezes esconde nossa covardia moral e compromisso. Uma luta interior se seguiu, enquanto argumentava comigo mesmo e orava, e não antes de dez ou quinze minutos depois, encontrei coragem para falar. Embora sua reação imediata tenha sido desfavorável, logo fui capaz de testemunhar do Cristo que ele tinha blasfemado e dar a ele um folheto evangelístico.

Suponho que essa história simples poderia ser repetida mil vezes. Muitas vezes uma oportunidade de falar do nosso Senhor Jesus Cristo se apresenta, mas nos calamos. E o que é verdade para nós como cristãos individuais, parece caracterizar e paralisar toda a Igreja.

Quais são as causas do nosso silêncio culpado?

Sem dúvida, qualquer resposta a essa pergunta tenderia a ser uma simplificação excessiva, porque as razões são inúmeras. Mas acredito que existam quatro grandes causas. Ou não temos um bom incentivo nem para tentar falar, ou não sabemos o que dizer, ou não estamos convencidos de que é o nosso trabalho, ou não acreditamos que faremos qualquer bem, porque nos esquecemos da fonte do poder.

Essas quatro incertezas e seus remédios formam a essência deste livro. Primeiro, vamos considerar o maior incentivo evangelístico, que é preocupação com *a glória de Deus*. Em seguida, procuraremos resumir a mensagem

evangelística ou o *Evangelho de Deus*. Em terceiro lugar, examinaremos a agência de evangelização, que é a *Igreja de Deus* e, finalmente, vamos nos lembrar da única verdadeira dinâmica evangelística, ou seja, o *Espírito de Deus*.

Aqui e ali, enquanto escrevo, estarei me referindo a minha própria experiência de evangelismo. Isso tem sido muito limitado a dois tipos paroquiais de evangelismo no trabalho regular de uma igreja local (All Souls, Langham Place, no West End de Londres), onde tem sido meu privilégio servir por 21 anos desde que fui ordenado, e evangelismo estudantil em missões de universitários em várias partes do mundo. Percebo que os dois tipos de evangelismo são, até certo ponto, atípicos; ainda assim, acredito que os princípios que tentarei ilustrar são universalmente aplicáveis.

É sempre arriscado escrever a partir de um ponto de vista pessoal. Vou procurar ser honesto, diante de Deus, e certamente não tenho nenhuma história de sucesso para contar. Mas escrevo com a profunda convicção nascida de dois pais – as Escrituras e o ministério – um estudo cuidadoso de um e uma experiência de crescimento do outro.

No decurso da preparação do manuscrito também tenho buscado a ajuda dos membros da minha própria congregação através da emissão de um questionário aos “trabalhadores comissionados” e “grupos de comunhão”. Ele investiga os detalhes de sua conversão a Cristo. Cento e cinco pessoas de idades e origens

# *John Stott*

Nosso silêncio culpado

variadas o completaram, e sou grato a eles por sua cooperação. Algumas das informações recolhidas a partir da investigação aparecem nas páginas posteriores.

# Capítulo 1

## A glória de Deus

### O INCENTIVO EVANGELÍSTICO

A maioria das pessoas fala demais. Alguns raramente param de falar! Por que é então que o nosso fluxo de discurso seca tão rápido quando a conversa deriva para a religião? Às vezes o nosso silêncio trai a nossa falta de convicção e experiência cristã. Mas, mesmo quando temos a certeza do Evangelho e conhecemos seu poder em nossas próprias vidas, ainda ficamos inibidos pelo acanhamento natural, por tabus convencionais e pelo medo do ridículo ou de uma rejeição. Apenas fortes e positivos incentivos nos permitirão superar essas resistências.

Políticos, economistas e empresários preocupados em aumentar a produção, prestam muita atenção à questão dos incentivos. Uma boa teologia bíblica está por trás de seu estudo. Eles parecem reconhecer que, porque o homem caiu, tem uma tendência à preguiça, e porque ele é um ser racional, precisa que lhe digam não apenas o que fazer, mas por que deveria fazê-lo. Na indústria,

Em uma época em que a missão evangelística da Igreja nunca foi mais urgente, parece que seu empreendimento evangelístico nunca foi mais deficiente ou ineficaz. Quase se pode dizer que a Igreja contemporânea está mais bem equipada para qualquer outra tarefa do que para a sua responsabilidade principal de tornar conhecido o Evangelho de Cristo e ganhar vidas para ele.

Neste clássico da literatura cristã, o autor John Stott lista as quatro maiores causas do “nosso silêncio culpado” a respeito do evangelismo e aponta soluções positivas. Ele diz: “Ou não temos nenhum incentivo relevante para tentar falar, ou não sabemos o que dizer, ou não estamos convencidos de que é nossa tarefa, ou não acreditamos que faremos qualquer diferença, porque temos esquecido a fonte do nosso poder”.



978-85-7839-095-2



9 788578 139095 2